



Dr. José d'Almeida Correia

Conego da Sé de Vizeu, apreciado jornalista e deputado catholico por Leiria.

PROPRIETARIO

Joaquim Antonio Pereira Villela.

DIRECTOR

Dr. Francisco de Sousa Gomes Velloso.

ADMINISTRADOR e EDITOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias—Um anno, 4\$400.

Semestre, 2\$400. Trimestre, 1\$200 *ms.*

A cobrança feita pelo correio ou pelo entregador,
acresce o importe das despesas.

Extrangeiro—Um anno, 5\$400.

Numero avulso, 100 *ms.*

Numero 274

Braga, 28 de setembro de 1918

Anno VI

Monte-Pio do Clerigo Secular Portuguez

Successor da Veneravel Irmandade
dos Clerigos Pobres de Lisboa

O clérigo d'ordens sacras, que desejar alistar-se n'este Monte Pio, deve enviar ao Rev. Padre Alfredo Elviro dos Santos, morador na Avenida Fontes Pereira de Melo, 41, Lisboa, os seguintes documentos:

- 1.º Certidão de idade, devidamente reconhecida por notario.
- 2.º Dois attestados, ou declarações medicas juradas e reconhecidas por notario, em como não soffre de maestia actual, ou habitual (pallavras textuaes).
- 3.º Attestado, ou declaração jurada, do secretario da Camara Ecclesiastica respectiva, ou do Vigario da Vara, Arcepreste, ou Ouvidor, em como está no legitimo exercicio das suas ordens, exerce o cargo de... e não está incurso em processo algum ecclesiastico ou civil.

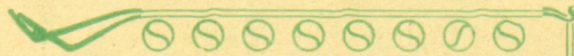
Os documentos podem ser em papel commum.

Se o clérigo residir na Archidocese de Braga, principalmente no concelho de Braga, deve dirigir-se ao Rev. Padre Arnaldo Carlos Lamas de Oliveira, residente na rua de 5 de Outubro, n. 80, em Braga, ou ao Rev. Padre Leonel Aragão Dantas de Sousa, morador em Laranjeira, Monção, se residir no concelho de Monção; ao Rev. Padre Domingos Affonso do Paço, capellão da Misericordia de Vianna do Castello, se residir no concelho de Vianna do Castello; ao Rev. Padre Mauuel da Costa Freitas Reis, se residir no concelho de Famalhão; ou ao Rev. Padre José Antonio de Campos Junior, parcho de S. Vicente de Aljubarrota, se residir no concelho de Alcobaca.

Os referidos Revs. Padres são socios correspondentes do Monte-Pio; prestam todos os esclarecimentos, facilitam as admissoes, recebem as quotas, pagam subsidios, etc.

Este concede subsidio na doença, suspensão e falta de collocação; paga visitas medicas aos socios residentes em Lisboa e nas terras em que residirem 20 escudos; dá 10 escudos para operações chirurgicas, ou conferencias medicas e 10 escudos para auxilio das despesas com processos ecclesiasticos ou civis; todos podem celebrar na capella de jazigo, sito na rua numero 5, do cemiterio do Alto de S. João: faculta a livraria aos socios, que a desejarem consultar; tem direito a comprar para si e para as suas familias medicamentos mehores e com abatimento de 20 p. c. nas pharmacias mutualistas de Lisboa; todos têm direito a ser sepultados ou depositados no retiro do jazigo, etc.

Concede e subsidio de vinte e cinco escudos e mortalha para o funeral dos socios residentes em Lisboa, e o de vinte escudos para o funeral dos socios residentes fora de Lisboa.



FRIGIDEIRAS E RESTAURANTE

Casa do Cantinho



Largo de S. João do Souto
BRAGA

Estabelecimento mais antigo
e acreditado n'este genero



Collegio de S. Thomaz d'Aquino

BRAGA

Fundado em 1896

DIRECTOR

Padre Manoel Joaquim Peixoto Braga

Admitte alumnos internos, externos
para o curso dos Lyceus, Commercial e
Instrucção Primaria..

Vago

Colégio Académico

GUIMARÃES

Campe da Misericórdia

A casa de educação e ensino mais
antiga desta cidade

Bons resultados nos exames e
sólida educação são o seu réclame.

Pedidos aos directores.

Dr. Alfredo Peixoto

Luiz Gonzaga Pereira

P.º José Maria dos Santos

Vago



ILUSTRACÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario Joaquim A. Pereira Villela. Director Dr. F. de Souza Gomes Velloso
EDITOR E ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto

Braga, 28 de Setembro de 1918

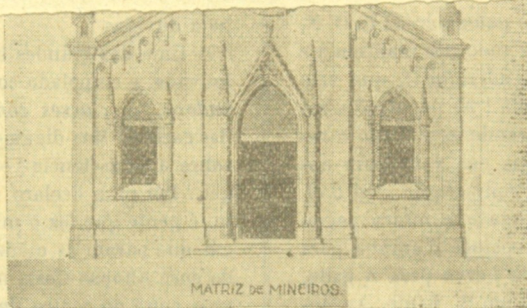
Redacção, Administração e Typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem 'os originaes

Numero 274—Anno VI

Aos nossos assignantes

A empresa da «Illustração Catholica» pede desculpa aos seus estimaveis assignantes das irregularidades havidas em a distribuição da revista, irregularidades que resultaram da doença do pessoal graphico.

Para reparar d'algum modo estas faltas serão publicados a seguir os numeros em atrazo promettendo-se para futuro a maxima regularidade.



Egreja Matriz de Mineiros
Bispado de S. Carlos (Brazil).



As primeiras chammas.

B QUANTO o governo aplica ás manobras conspiratorias dos adversarios o tratamento abortivo de umas quantas buscas, apreensões de bombas, cartuchame e espingardas, e algumas prisões — pondo em debandada es chefes da conjura, *heroicos* como sempre na agilidade das pernas — a agitação operaria, vae subindo de tom nos *ultimatums*, nas reclamações, ameaçando com os comícios, brandindo logo depois de prohibidos estes a arma da *grève* geral.

Claro que não falta na série das exigencias a libertação dos *meneurs* presos em flagrante delicto de aliciamentos ou *sabotagem* e o pagamento, pelo poder publico, de uma indemnisação e dos ordenados por inteiro.

Já lá dizia o outro operario sem trabalho na revista d'anno ao *compère* que lhe perguntava ha quanto tempo abandonara o trabalho:

— Deixe vêr, que já não me recordo bem... Ah! estava o Fontes no poder!

— E que tem v. feito durante esse tempo todo?

— Eu... como não tenho que fazer... faço *grèves*!

Em Portugal a mandria proletaria tornada em instituição nacional. Assim, não causa já espanto que aos multiplos agravamentos da crise das subsistencias haja sobrevindo mais este d'uma movimentação anarchica das classes trabalhadoras, uma fermentação de odios que escachôa nos secretos laboratorios dos *soviets* e provavelmente, qualquer dia d'elles passará aos assaltos ás propriedades, como se está verificando já nos latifundos do medio Alemtejo.

Ha pouco publicou a folha official um decreto sobre baldios, segundo o qual as municipalidades cuidariam do seu arroteamento tendo em vista os interesses das populações visinhas. Isto devia satisfazer a justiça. Pois não satisfez o novo potentado da U. O. N. (agora anda em moda designar tudo por maiúscula e ponto final, e quem quizer que adivinhe!), que veio logo reclamar os baldios para ella! As populações ruaes que fornecem ao paiz o grande contributo e reserva de riqueza e credito, essas não valem um dos proximos centavos de ferro em comparação com o cidadão de blusa e calça de ganga que nunca pegou n'uma enxada e se veria em palpos d'aranha para plantar umas couves, ou semear herva para o gado.

Ha duas semanas descia eu em S. Bento. Ao entrar no passeio das Cardosas vem direito a mim um rapagão, de cabelleira e farto laço preto de pontas, capote d'esses que chamam á Buiça e um chapéu preto desabado sobre uma cara em que sobresahia uma pallidez de noctivago e a dura côr metalica de uns olhos verde claro. Schraçava um maço de jornaes, e dirigiu-se-me n'estes termos precisos:

— O cidadão quer comprar o semanario anarchista do Porto?

— Não senhor.

O sujeito olhou me com um ar de cynico desprezo e virou costas, seguindo passeio em fora a apregoar:

— A *Verdade* semanario anarchista do Porto!

— A *Verdade*, anarchista!

A policia nem sequer dava conta do caso. Eu lembrei-me d'aquella lei de 13 de fevereiro contra a qual o bom burguez que vae soffrer as iras dos catechumenos do semanario *A Verdade* e seus collegas, berrou ha annos, n'uma hypocrita opposição partidaria, fingindo de humanitario, como ao depois na cola dos liberalões do livre-pensadeirismo chamava carnicero a Affonso XIII e Scarpas a Maura, a La Cierva e a Weyler por reprimirem *comme y fallait* a selvatica *barcelonada* de Ferrer! Hoje o bom burguez entra provavelmente com um razoavel pé de meia para o cofre da revolução democratica... e amanhã urrará contra o *mariolo do Sidonio* que nem sequer terá força para lhe proteger as costas!

O bom burguez, o grande parasita e o grande imbecil — não achem duros os adjectivos! — é d'esta laia. Tem uma mão na irmandade, outra no balcão, e os pés no radicalismo e na maçonaria *veneravel*.

Hontem, sabbado, mostraram-me uma carta d'um sargento d'um regimento da Capital. Contava elle que tinham sido distribuidas ás praças notas de réis 10\$000 para chacinarem os subalternos e os officiaes e virem para a rua aos vivas á revolução; e depois de confirmar que se viu em serios riscos de passar d'esta para melhor na noite aprazada para a revolta, pois estava de guarda, perguntava: d'onde ra'o virá tanto dinheiro?

D'onde elle bem? Do cofre do bom burguez, não haja duvidas!

Uma das grandes burlas nacionaes é o chamado, louvado, e empolado conservadorismo. A *opinião conservadora*, as *classes conservadoras* — eis o estribilho das gazêtas. Mas digam-me lá os senhores com a mão sobre a consciencia: — Ha conservadores em Portugal? Por mim declaro que duvido. O que ha, e muito, é gente que faz o mal... e fica de *conserva*, a vêr em que páram as modas! E se ellas pararem deante do snr. Affonso Costa mandará logo 200\$000 réis para o cofre do centro democratico do bairro, e, á cautella, topando algum *thalassa* esturrado declara logo que o exercito é que tem a culpa e que o defuncto Seévola acertára em pleno ao chamar *abades de farda* aos officiaes do exercito...

E' dos livros!

F. V.



DE FREY GIL DA SOLEDADE,
EGRESSO DA FALPERRA.

LV

Diccionario enygmatico.

L

Mais veloz do que ninguém,
Sou linda como as estrellas,
Sem ser nau, ando com velas.
De graça todos me tem,
Sou origem das janellas.

M

Letras me puzeram
Que nunca se leem.
Mandam-me calar
E eu nunca fallei.
E assim que me calaram
Meus dias acabei

N

Eu sou mãe de muitos filhos,
E todos comigo tenho.
Para lhes matar a fome
Dou mil voltas, vou e venho.

O

Tenho armas, não de fogo,
Não me servem de proveito;
Rindo se me abre a bocca
Lanço o que tenho no peito.

A dama que de mim sae
E' mais formosa do que eu.
Ella vae com quem a leva
Eu fico com quem me deu.

P

Devendo aos quatro elementos
O vir a ser o que sou,
Sempre recebo mau pago,
Da gente com quem me dou.

Sou abafado, e depois
Em um carcer' me vão pôr,
Onde não mudo a figura
Mas do rosto mudo a côr.

O povo todo me busca
Pois necessita de mim.
Tive criação aos mурros,
Tenho ás facadas o fim.

Q

Não ha no caderno nenhuma adivinha da letra Q.

R

Eu sou filho de um ladrão,
Minha mãe tambem é ladra;
O mesmo vicio me quadra,
Por sair á geração.

Ando-me sempre a esconder,
Só p'ra que ninguém me veja,
Quem a morte me deseja
E' que me dá de comer.

Os passos que dou vigio
Ladrão mais grave que eu.
Unico flagello meu,
Seja de noite ou de dia.

S

Femea sou de nascimento.
Macho me quero fazer.
Hei-de morrer afogado
P'ra femea tornar a ser.

T

Por correntes estou preso
Fogo vivo em mim consumo.
Pela bocca deito fogo,
Pelos olhos deito fumo.

U

Tambem não ha.

V

Eu ando leguas n'um pé,
Tenho entrada em toda a parte;
Mas o sitio onde me escondo
Não descobriu inda a arte.

Uns appetecem-me fraco
Outros desejam-me forte.
O afoito que me não teme
A's vezes entrego á morte.

Sou muito desarranjado
E nada sei arrumar.
Antes deixo muitas coisas
Por fóra do seu logar.

De X, Y e Z, tambem não havia nenhuma adivinha no caderno manuscripto.

Antes de publicar as adivinhas — alguns centos! — já colhidos por mim em pulverosos calhamaços, darei as outras do caderno, que até aqui percorremos uma só vez por ordem alphabetica. Agora vão a oito; depois, ao compilar o diccionario, tomarão os seus lugares.

A

Eu sirvo de compostura
E commodo sei fazer.
Tenho azas e não voo,
Tenho bico sem comer.
Inda que faço algum vulto,
Sou seca por natureza.
Quem se utiliza de mim
Faz em mim toda a firmeza.
Caminho leguas e leguas;
Não ajusto em quem me fez.
E de pernas sendo falta
Ando sempre em quatro pés.

T

Casaram-me com uma preta
Mui louca de condição,
Que se reparte com muitos
Com grande relaxação.
Faz jornadas a miude
E jornadas não pequenas.
Sem de mim mostrar saudades
Deixando-me só em penas.
Eu vivendo n'uma casa,
Estou já como entrevado,
Unido com meu irmão
De quem vivo acompanhado.

C

Que estalagem será uma,
Pequena mas acçada,
Que apenas se lhe abre a porta
Tem dois hospedes entrada?
Elles nunca levam nada:
Mas nunca vão que não tragam,
Introduzem-se em podendo
E de nenhuma vez pagam;
Entram só a dois e dois,
Uns primeiro outros depois.

UMA PAGINA D'ARTE

por Manoel Semblano.

Carlo Dubini

Á minha santa Mãe, discipula d'elle

HA uns bons quarenta annos havia um grande professor de piano em Portugal. Tinha a figura invulger dos *virtuosi* e certas manias, que são de extranhar nos outros homens e que ficam bem aos artistas. Usava cabelleira em aneis e perfumava-se invariavelmente com violeta. Trazia o chapéu carregado sobre a núca. O seu olhar era ardente, apaixonado, e por vezes faiscante e mau.

Viera da Italia para o Porto. Dirigia o velho S. João, nos tempos gloriosos da opera. Dava lições a libra cada uma. Chamava-se, o grande professor, Carlo Dubini. Ha uns bons quarenta annos... Quem se lembra d'elle? Os mortos vão depressa...

Era um dos raros e imperiosos *maestros*, que não transigem com a disciplina e os principios. Tendo perdido a noite no Theatro — o que acontecia quasi sempre — ia dar lições maçadissimo. Observava regras inflexiveis na attitude geral do discipulo, na collocação do tamborete em frente do piano, na maneira de atacar o teclado e os pedaes... Se era uma partitura difficil explicava minuciosamente o trecho a executar.

Só então depois, cedendo naturalmente ao cansaço, recostava-se ao piano e adormecia. Bastava, porém, a máis ligeira falta, uma inexperiencia, uma hesitação para o Dubini acor-

dar. A impressionante delicadesa do seu ouvido, a sua extrema sensibilidade musical, triumphavam do somno e da fadiga...

Uma vez foi solicitado para ensinar duas meninas em casa de um argentario brasileiro. No salão decorado com riqueza, mas sem gosto, receberam-no amavelmente. Quizeram, porém, levar o requinte da amabilidade a apresentar-lhe logo um creado, n'uma salva de prata, a costumada libra em ouro. O Dubini julgando ver uma incorreção e uma audacia, no que era um gesto simples e habitual do ricaço, despediu-se bruscamente e não voltou. De resto as duas sympathicas meninas eram dois admiraveis talentos... negativos!

Ha uns bons quarenta annos! Pobre Dubini!

.....

O nosso velho piano emmudeceu para sempre com o nosso grande lucto. Mas nunca mais hei-de esquecer — oh! minha Mãe! — as tuas mãos predestinadas afagando o teclado — como quem acaricia e como quem recorda uma longinqua, uma deliciosa saudade... Nem me lembro que n'uma tarde adoeci. Era ainda creança.

A tua musica ardente, carregada de emoção e tremula de piedade, fazia-me muito mel...

HEROES PACIFICOS



ADRUGADA alta acabo de lêr o *Journal d'une Infirmière d'Arras*, de M.^{mo} Emmanuel Colombel. Porque não pensar na guerra, se ella, sendo a morte, é a nossa tragica vida de hoje!

Foi commovidamente que fechei esse livro sublime, escripto por uma santa mulher que o sacrificio pelos outros transformou n'uma heroína.

A cidade d'Arras, tão modesta e tão linda, rom a alta e elegante torre dominando a casa-dia em redor, o velho leão da Flandres vigiando a tranquillidade dos laboriosos habitantes, batida pelo vendaval de quatro cêrcos, illustrada pela celebração de tres trafados, outr'ora capital do Artois, é hoje um montão de ruínas, informe e negro, quasi desconhecido para aquelles que pisaram alguma vez os seus aruamentos.

Mas, sob as granadas, affrontando com sêrena abnegação a fuzilaria mortifera d'esses primeiros tempos da lucta dolorosa e barbara, esquecendo o perigo para só pensar no tratamento das chagas que a metralha abria, longe dos filhos que mandára para Paris á aproximação do invasor, e de quem não tinha noticias; desconhecedora da sorte do esposo e do irmão atirados para as incertezas do campo de batalha, M.^{mo} Colombel é o mais bello symbolo do heroismo francez, nobre, patriotico, desinteressado.

Correndo a vista pelo seu *Diario*, pelas suas notas rapidas mas traçando com nitidez e vigor os acontecimentos reconhecemos um extraordinario talento de escriptor, traduzindo com sinceridade o que vê, o que pensa, o que sente. Sem querermos, os olhos inundam-se nos de lagrimas perante a crueldade de tanta dôr. Dir-se-hia que de espanto nos pâra um segundo o coração, torturado na presença de tanto lar desfeito, de tantos bracinhos, carnudos e rosados de creanças, que inutilmente esperarão entretezer os pescoços dos seus papás mortos na lucta!...

Não é sem a mais profunda magua que lêmos a narrativa da heroica enfermeira sobre um desgraçado a quem fez os curativos d'um ferimento de bala que lhe atravessára a cabeça da orelha ao olho e que, com ternura e saudade a estrangularem-lhe a garganta, recordava a filhinha de cinco annos: «Se soubesse como ella adora o seu papá!... exclamava para M.^{mo} Colombel. — Quando minha mulher me escreve, ella escreve-me tambem qualquer coisa. Como o tempo me parece corrido longe d'ella!»

Jámais se me apagará da memoria esse outro quadro pathetico e grandioso que a enfermeira do Saint-Sacrement nos traça, da cidade ruindo ao embate impiedoso e cego da metralha!

Os pobres feridos que se encontravam nos andares superiores do hospital, haviam sido transportados para as caves humidas onde se amontoavam lugubrememente. Os mais graves, demonstrando um estoicismo admiravel, calando as dôres horriveis, deixavam-se levar aos hombros de dedicadas creaturas. O sangue-frio de todos assumia proporções indescriptiveis, emquanto o canhão troava e as granadas explodiam com fragor. Um dos feridos, sem perder a gaiatice gavrochiana que vive em todo o francez, supplicou aos que o transportavam: — «Não podiam parar um instantinho para accender um cigarro?»

Mas, n'esta altura, demos a palavra a M.^{mo} Colombel. Seriamos incapazes de descrever com maior sentido dramatico, com tintas mais fortes, o momento supremo que aquella desventurada gente viveu.

«Emquanto operavamos os salvamentos dos do primeiro andar, minha mãe, que foi ás salas do rez-do-chão, disse:

— Meus amigos, todos os que puderem, desçam ás caves.

Como mortos que saem das mortalhas, todos se levantaram, rolando aos pés das camas, arrastando-se, avançando apressadamente sobre os cotovelos, sobre as mãos. Era uma visão horrorosa, impossivel de descrever. M.^{les} Wartel, Gonsseume, Bracq carregavam com os que não podiam mover-se.

Chego á cave: n'este momento, quando me inclinava para um ferido que estava junto de uma janella, ouve-se uma formidavel detonação, os vidros voam em estilhas; fico coberta de pedaços de tijolo e calça, um bocado de vidro arranha-me a cara e sinto o sangue correr ligeiramente. Grito a minha mãe que não é nada; os feridos ullulam. Então, dominando o tumulto, o abbade Gengembre grita:

«Absolvição geral!»

E todos, de cabeça descoberta ou de joelhos, recebemos a benção suprema. Depois, continuamos o salvamento dos que ainda estão lá em cima.»

Bemditá seja a tua obra extraordinaria mulher, a quem eu, enternecidamente beijo as mãos com o coração nos labios!

Acurcio Pereira.



SOB este titulo sensacional, o padre Moreux expôz nas *Lectures pour tous* sob uma forma accessivel a quasi todos, um dos estudos mais interessantes sobre a balística do nosso tempo. Mostra primeiro, que o movimento dos projecteis não é mais que um caso particular dos «graves» estudado na mechanica geral. E' por isso que, quando se sae das condições normaes do arremesso de projecteis, convem comparar as suas trajetorias ás das elipses, e não ás das parabolae; estas não se applicam senão nos casos em que as direcções da vertical em cada ponto do percurso sejam sensivelmente paralelas. Desprezando ou abstrahindo por momentos do effeito da rotação da terra e da resistencia do ar, os projecteis, como os graves, são corpos animados de velocidade n'uma direcção fixa, a da alma e da bocca do cano, e atirados por uma força interior, a gravidade, dirigida para o centro da terra. As leis de Kepler e de Newton, indicam que, para velocidades, horisontaes na partida, menores que 8:000 metros (numeros redondos), as trajetorias são elipses de que a terra forma o foco afastado; com 8:000 metros, os 2 focos não são mais que 1, que é o centro da terra; com velocidades de 8 a 12:000 metros, a terra torna-se o foco proximo; com 12:000 metros, a elipse torna-se uma parabola, e esta velocidade excedida, faz uma hiperbole. D'estas indicações geraes, deduz-se que nas velocidades de partida de menos de 8:000 metros, os projecteis caem mais ou menos longe sobre a superficie da terra; a 8:000 metros, theoreticamente, o projectil deveria voltar ao ponto de partida em cada periodo d'uma decima setima parte de vinte e quatro horas; depois, augmentando a velocidade, a trajetoria eliptica desaparece, mas o projectil torna periodicamente ao ponto de partida.

A partir de 12:000 metros, o projectil escapa a toda a influencia da gravidade e affasta-se indefinidamente, segundo um ramo de parabola ou de hiperbole. Pode assim, ser dirigido sobre a lua, ou, se a não attinge, tornar-se seu satellite como a bala de Julio Verne. Não ha nenhuma razão para suppôr que não se chegaria a bombardear bem, assim todo o planeta, o sol, ou mesmo que fosse uma estrella.

O problema a resolver é o de dar a um projectil uma velocidade de partida superior a 12:000 metros. O Padre Moreux diz, confiante, o seguinte: «um canhão de paredes muito espes-

Póde bombardear-se a lua?

sas com uma enorme carga de polvora queimando lentamente poderia dar o resultado procurado.» As nossas ambições são agora mais modestas e a guerra força a recolher as azas da imaginação para as applicações immediatas e reaes.

E' assim que posto em acção pelo *grosse Bertha* bombardeando Paris d'um ponto afastado 120 kilometros, os americanos construirão d'aqui a pouco um canhão que atire duas vezes mais longe que a *grosse Bertha*. Proporcionalmente pois se attribuem á *grosse Bertha*, velocidades iniciaes de 1:400 metros, seria preciso dispor d'uma velocidade inicial 1,4 vezes maior ou seja 1:660 metros e é por este mesmo factor 1,4, que seria preciso multiplicar esta nova velocidade para enviar o projectil não a 240 kilometros mas a 480. Em principio, pois, com uma velocidade de 2:200 a 2:500 metros, poder-se-hia attingir da frente occidental as principaes cidades da Allemanha e mesmo Berlim. Com semelhantes velocidades, os selenitas, se é que existem, poderiam da lua, bombardear a terra; tal é a preciosa (?) vantagem d'uma fraca gravidade. Mas fiquemos no nosso pobre mundo, e n'estas condições façamos intervir a resistencia do ar. E' esta que reduz a perto de metade, o alcance theorico que poderia ter a *grande Bertha*. E' certo que esta resistencia, não sendo tão grande para as grandes velocidades como nas camadas inferiores da atmosphera, tem mais effeito sobre o projectil allemão do que teria sobre o projectil americano... e no projectil aerio sobre Berlim em que uma maior proporção do percurso se passaria nas camadas do ar pouco a pouco, mais fracas e até insignificante (0.003 em lugar de 1,3 a partir de 40 kilometros d'altitude).

Não é, pois, illusorio pensar que nós podemos, bombardear pontos mais a mais afastados das nossas frentes e pagar aos allemães na mesma moeda da sua peça. Queremos isso? O exemplo do *Bertha* não é nada tentador, o prejuizo material e principalmente o effeito moral, parecem em grande desproporção com os meios a que deveria recorrer-se. Temos um fim mais urgente a prosseguir; é o da victoria. Foch e os seus collaboradores, sonham apenas bombardear Berlim e as grandes cidades, enormes centros de engenharia, applicando antes os seus esforços em coisas de mais pratica utilisção, por exemplo, os carros de assalto e os aviões.

Coronel X.

Mimi

Está mal... e que fraquinha
A graciosa *Mimi*.
Ah! como eu a conheci...
Quem diria? Coitadinha!...

Já não é a creancinha
Correndo d'aqui p'ra alli,
Viva, como um colibri,
Tão alegre e bonitinha...

Pulava, cantava e ria
Sempre, a toda a hora do dia;
Era a alegria da casa.

Agora, — ai, como dá pena! —
A febre definha e abrasa
A vida d'esta assucena.

Francisco Sequeira.

Canção das aguas

Canção das aguas! Parece,
Em noites lindas de luar,
Que sae do rio uma prece,
Que o rio sabe resar...

Nem ha voz que melhor diga
Penas d'amor, lentas maguas,
Do que essa canção antiga
Que vae desfeita nas aguas!...

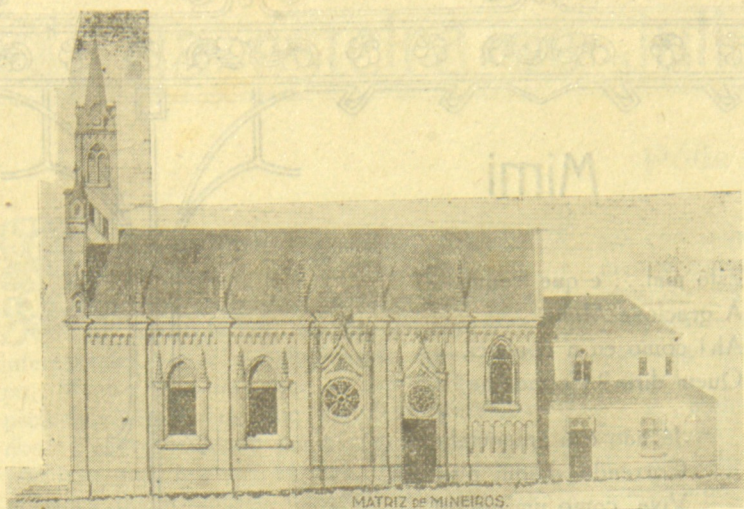
Anda um poeta escondido
No rio: se vem a flôr,
Fluctua, ao luar dorido,
Chorando endeixas d'amor.

Canção das aguas! Nenhuma
Sabe evocar-me o passado,
Como esta que vem na espuma
Do meu rico namorado.

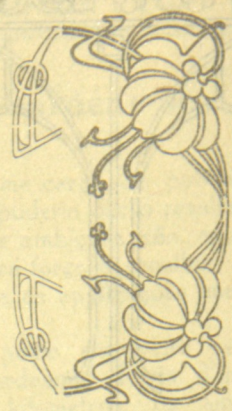
E ás vezes — vaga elegia
Que perde pelo ar —
Oíço a voz de Santa Iria,
Que foi n'um rio a boiar...

Oh! quem sabe lá se o rio,
E os choupos, ao luar que esplende
Não cantam ao desafio
Versos que só Deus entende!

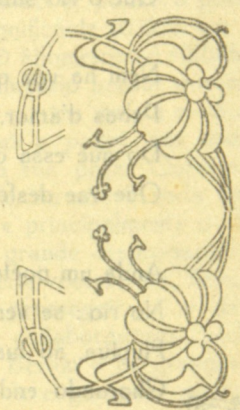
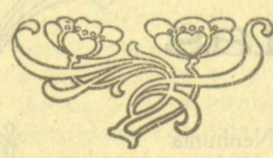
Julio Brandão.



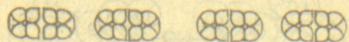
MATRIZ DE MINEIROS.



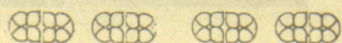
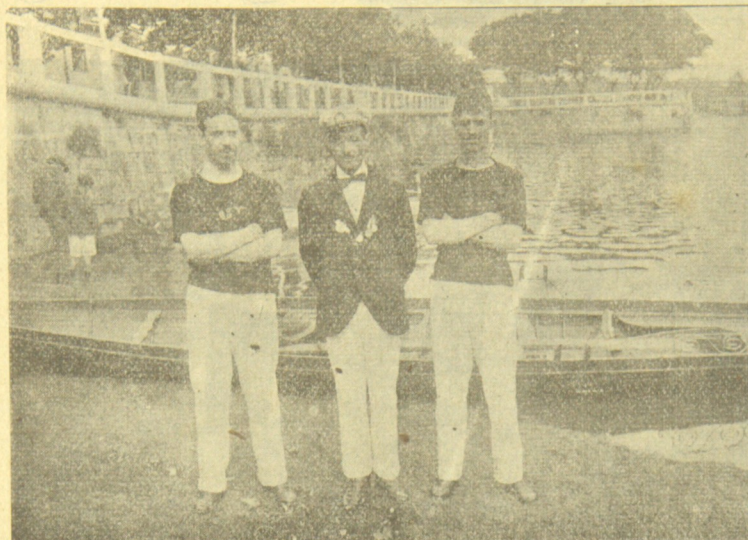
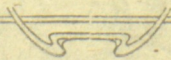
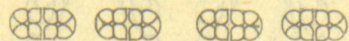
- 1) — Igreja Matriz de Mineiros, Bispado de S. Carlos (Brazil).
- 2) — Crianças que fizeram a primeira comunhão na Matriz de Mineiros.
- 3) — Pia União das Filhas de Maria, de Mineiros, Brazil, com o seu parcho o rev. Antonio Mendes Correia.



PORTUGUEZES NA GUERRA

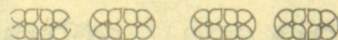


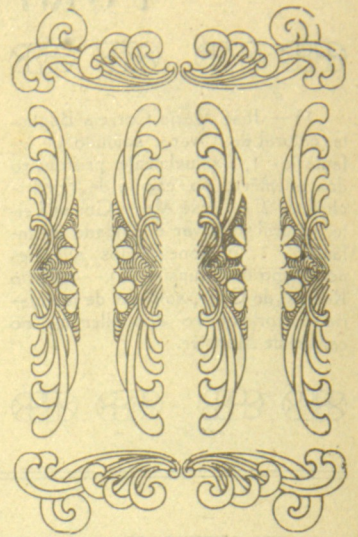
1) — José Maria Correia Baptista, natural de Ovar e soldado de infantaria 1, actualmente prisioneiro dos allemães, no campo de Friedrichsfeld, 2) — José Maria Gomes Leite, natural de Ovar e soldado de infantaria 1, prisioneiro dos allemães no campo de Munster. 3) — Alberto Ramos, de Ovar, soldado de infantaria 1, prisioneiro dos allemães no campo de Munster.



Festa nautica em Villa do Conde

- 1) — A tripulação de render do Club Fluvial Villacondense.
- 2) — Tripulação de escaler do Club Fluvial Portuense.

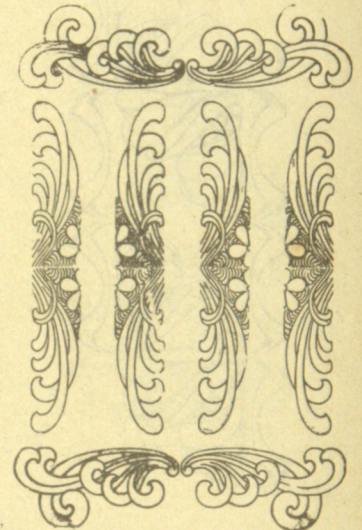


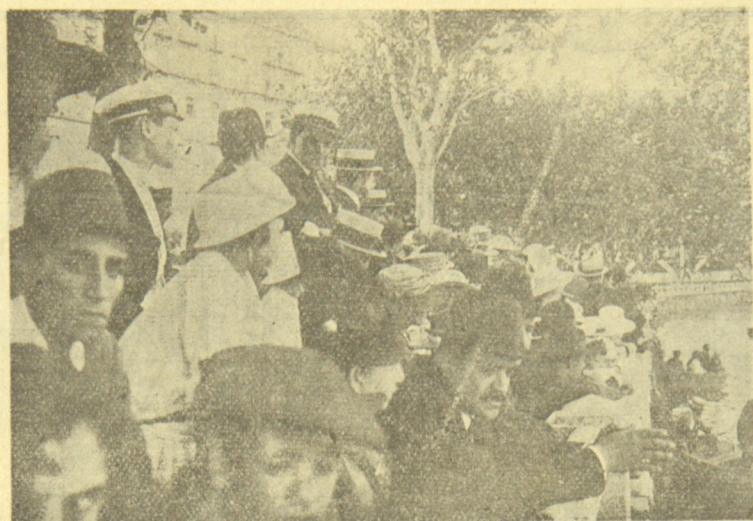
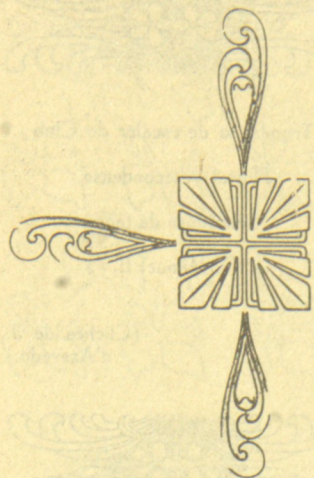


1) — A tripulação de render do Club Fluvial Portuense, vencedora.

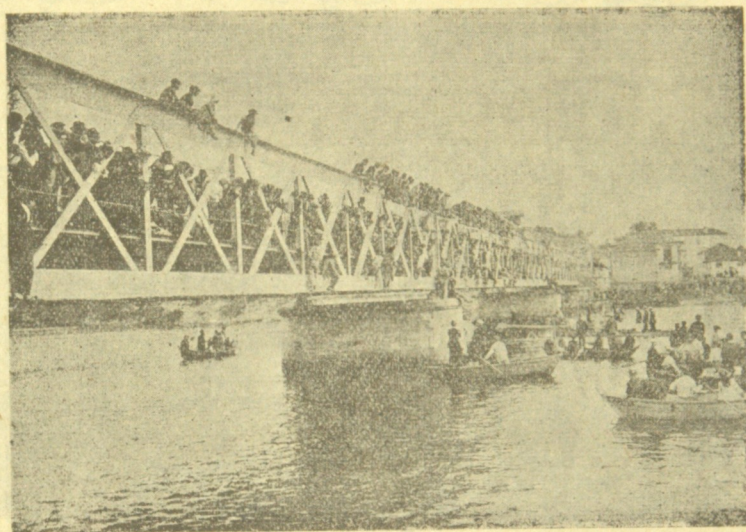
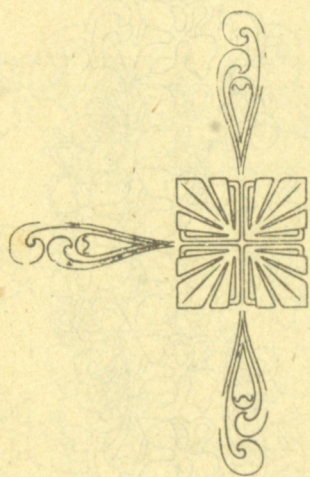
2) — Grupo dos nadadores que disputaram a taça «Atlantica».

3) — Uma phase do waffer polo.





- 1) — Tripulação de escaler do Club Fluvial Thyrsense.
- 2) — Um aspecto de assistencia.
- 3) — Aspecto que offercia a ponte na occasião das corridas.





Tripulação de escafer do Club
Fluvial Villecondense,
vencedora da taça
D. Manuel II.

(Clichés de J.
d'Azevedo.)

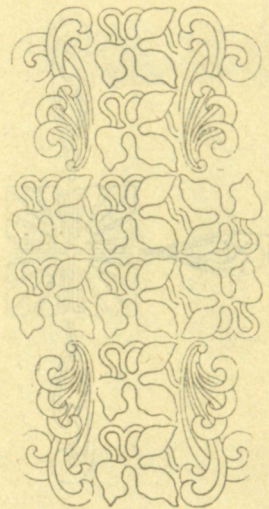


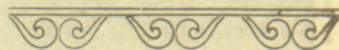
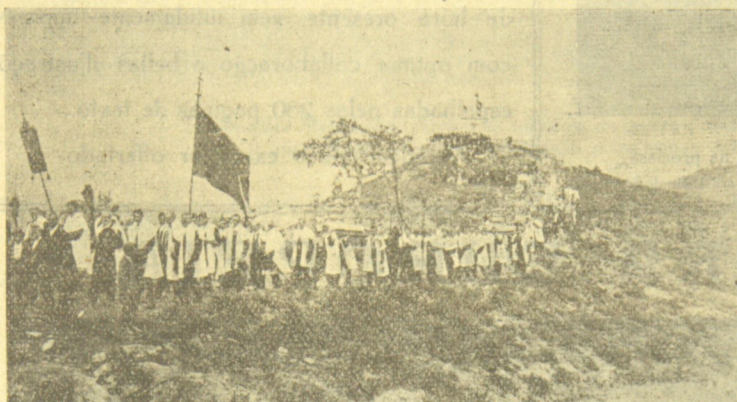
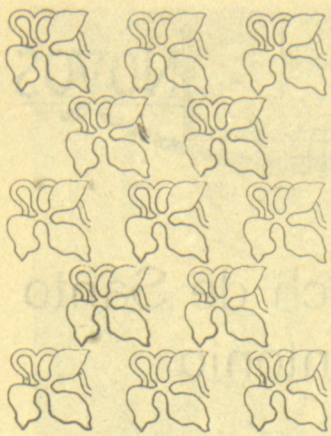
Oliveira de Frades

Ribeiradio

A Festa de N. S. Do'crosa

- 1) — Um aspecto do arrisial.
- 2) — O andor de N. Senhora
sahindo da Ermide.

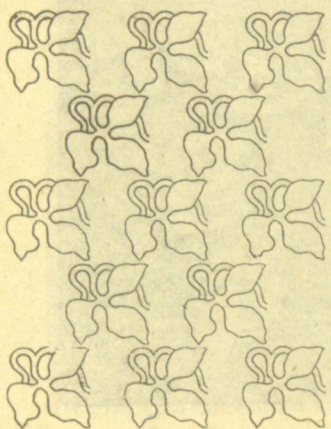
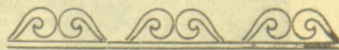




1) — Ribeiradio — O povo seguindo a procissão.

2) — Um aspecto da procissão no monte de Caiphaz.

3 — O pallio.





Ribeirão — O andor da Virgem na procissão.
(Clichés do nosso corresp. phot. sr. Alípio da S. Vicente.)

LIVROS NOVOS

Almanach de Santo Antonio

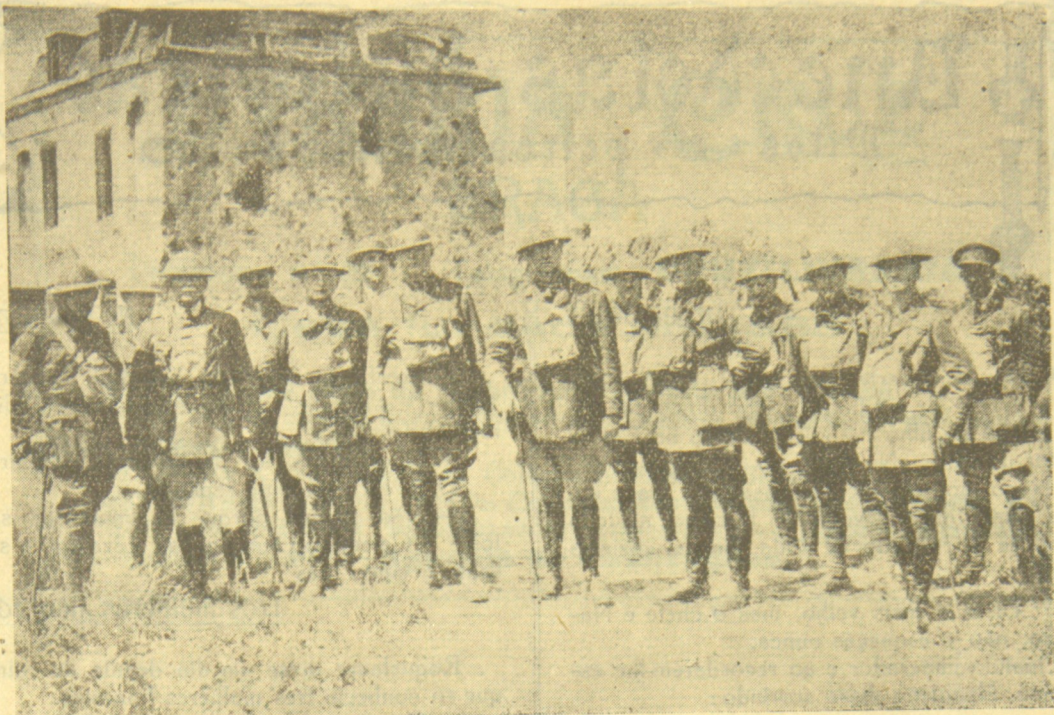
Editado pela empresa do «Boletim Mensal» recebemos o Almanach de Santo Antonio para o anno de 1910 que, apesar das difficuldades da hora presente, vem nitidamente impresso, com optima collaboração e bellas illustrações espalhadas pelas 280 páginas de texto.

Agradecemos o exemplar offertado.

GUERRA EUROPEIA



Differentes typos de uniformes dos batalhões que constituem uma brigada de infantaria americana.



Os generaes Menbrun e Currié e os ministros da guerra e marinha do Canadá
examinando o terreno abandonado pelas tropas «migas».



O general em chefe das tropas canadianas explicando a varios jornalistas a acção da guerra.

Anecdotas • historicas

Ditos • e • pensamentos

Desherdação

Carlos Bonaparte, ao expirar em Montpelier, e apesar de ter junto o filho José, não falava senão no filho Napoleão, então na Escola Militar de Paris. No auge do delírio chamava por Napoleão, que lhe acudisse com a sua espada. Mais tarde, o velho tio Luciano, no leito da morte e rodeado de toda familia, dizia a José:

— Tu és o mais velho, mas o chefe é Napoleão, não o esqueças nunca.

Quando imperador e ao recordarem-lhe este facto, Napoleão disse sorrindo:

— Foi uma desherdação, o episodio de Jacob e Esaú.

As mulheres

Voltaire jogava com uma creança em casa de madame de Chatelet e disse:

— Para triumphar dos homens preciso contar com as mulheres, é preciso conhecê-las, portanto has-de saber, meu pequeno, que todas são falsas e...

— Que estaes dizendo, todas as mulheres?!

Interrompeu agastadamente a senhora de Chatelet.

— Senhora — replicou Voltaire — é preciso não enganar as creanças.

Maria Leckzinska

A morte de madame de Châteauroux, favorita de Luiz XV, produziu uma impressão singular na imaginação da rainha Maria Leckzinska. Na primeira noite não pôde dormir, e, assustada, a donzella que estava a seu lado, chamada Boirof, disse-lhe:

— Que tem V. M. esta noite?

— Não estou doente. Mas levei a noite a pensar na pobre senhora de Châteauroux que morreu tão de repente. E se ella me apparecesse!

— Valha-nos Deus minha senhora, se madame de Châteauroux pudesse voltar a este mundo não era para apparecer á rainha mas ao rei.

No Calendario

O arcebispo de Paris, visitando a Escola Militar e ouvindo o nome de Napoleão disse muito admirado:

— Não existe esse nome no Calendario!

O jovem estudante replicou:

— Não admira, porque ha immensos santos e o Calendario tem apenas trezentos e sessenta e cinco dias

Tres mulheres honradas

Roquelaure disse um dia deante da rainha que só conhecia tres mulheres honestas.

— Quem são? — perguntou a rainha.

— A primeira é vossa magestade, a segunda minha mulher, a terceira não direi quem é. Quero ter uma porta aberta para não ser enganado. Assim todas ellas se julgarão a terceira.

Conselho pratico



- O sr. faz mal pescar sempre no mesmo sitio.
- Porquê?
- Porque no fim de certo tempo os peixes já o conhecem...

LIVRARIA CRUZ

BRAGA

Telephone n.º 29 Telegramas: **CRUZ/LIVRARIA**

Casa fundada em 1888

EDITORA das obras do celebre hidroterapista *Mgr. Kneipp*.
EDITORA de muitos livros adoptados no ensino *primario, normal secundario, especial e superior*.
EDITORA e proprietária da Coleção *Sciencia e Religião*.
EDITORA de livros de piedade—*Centelhas Eucaristicas, livro de Orações, etc.*
Completo sortido de *Papelaria* objectos de escritório—Utensilios e modelos para desenho e pintura—**Agencia de Publicações.**

Vago

Contra riscos de guerra ferrestres e maritimos, grèves, e tumultos em mobilias e edificios particulares, segura a Companhia
Luzo-Brazileira de Seguros

SAGRES

Sede — Lisboa, Largo S. Julião
19-2.º — Tel. Exp.º C. 2961. Tel. da Direcção:
C. 2657. Banqueiros: Pinto & Sotomaior. — Agente em Braga, Amares, Dóvos de Lanhoso, Terras de Bouro e Vieira

Manuel da Conceição Rocha
Largo do Barão de S. Martinho — BRAGA.

Luneta de Ouro

Officinas de esculptura, encadernação e concertos de imagens, batinas e vestes sacerdotaes.
Artigos religiosos, imagens, paramentos, harmoniums, oculos, pincenez, binoculos, cutelaria optica e artigos de phantasia.

Aurelio Monteiro & C.ª

Rua do Ouvidor, n.º 123
Caixa postal 1588—RIO DE JANEIRO
Telephone 5593, Norte

«Illustração Catholica» vende-se nesta casa
Numero avulso 300 rs. (moeda brasileira)

Escriptorio de Negocios Ecclesiasticos

DO

Padre Villela & Irmão

(Joaquim Pereira Villela)

Este antigo Escriptorio de Negocios Ecclesiasticos e Civis, encarrega-se de todos os negocios dependentes das repartições ecclesiasticas de Braga, Nunciatura Apostolica e de Roma, taes como processos de ordens menores e sacras e seus respectivos Breves, licenças para casamentos com proclamas ou sem elles, dispensas de parentesco em todos os graus, que a Santa Sé costuma conceder, justificações de baptismo, casamento, obito e de estado livre. Breves de redução de legados, sanatorias, em geral quaesquer Breves Apostolicos, e tambem dos negocios dependentes das repartições civis, judiciaes e militares em relação com os negocios ecclesiasticos, o que tudo é tratado com summa brevidade e maxima economia.

Tem annexas ao mesmo escriptorio uma typographia a vapor, denominada dos 'Echos do Minho' e officinas de encadernação onde são executados quaesquer trabalhos, com a maxima rapidez, perfeição, e economia.

Toda a correspondencia deve ser dirigida para o respectivo escriptorio ao

P.^o Villela & Irmão

83—RUA DOS MARTYRES DA REPUBLICA—91

(Antiga Rua da Rainha)

BRAGA